

Aquelas Criaturas tão Estranhas

Quando foram ungidas as três com tantos poderes? Onde, naquele casarão labiríntico, teria ocorrido a festa de iniciação? Por que dos gestos, do brilho da íris, da conformação das faces, fluía aquele mistério que impunha a todos o peso do consentimento e da obediência?

As três irmãs pouco falavam entre si. Com os demais a palavra era só um complemento às emanções do olhar, à influência do porte, ao magnetismo da aura.

Clotilde sentava frente à porta, resguardada na penumbra da sala do casarão, balançando lentamente a velha cadeira de palhinha. Fazia renda diante de um enorme almofadão, numa trama floreada e infundável

que se enrolava continuamente, talvez pelo puro prazer da tessitura, pois jamais vendia um palmo desta renda do mais belo apuro. De lá, abarcava com um olhar a fatia cinzenta de seus domínios. De mãos hábeis e pele cinzenta, abria a porteira do mundo para todos, provocando o primeiro sorvo com um carimbo de digitais que, sem deixar marcas visíveis, impingia a condição de súdito. Conhecia como ninguém as contrações e as leis de sua regularidade. Enfrentava a turbulência das hemorragias com a frieza de um barqueiro; combatia as eclâmpsias com conhecimentos de uma bruxa. Antecipava o sexo dos bebês nem bem começavam a fermentar na amálgama de mistério, sangue e proteínas. Chegava antes da impaciência do macho se o parto fosse rápido; olhava complacente sua agonia se a demora fosse previsível. Tal ciência agrihoava todos à sua figura imperturbável.

Aurora se preocupava em ensinar os mistérios dos signos. O significado dos rastros do giz sobre a lousa, a magia da cristalização dos sons, a diferença entre o traçado gosmento de uma lesma e os arabescos intencionais do bico de uma pena. Organizava para cada um a despesa das coisas do mundo, ordenando com sua sabedoria a mercearia da vida. De suas mãos saíam carpinteiros e agricultores, mestres de cantaria e pintores de filigranas, barbeiros e calígrafos, curtidores de peles e seleiros, poetas e farmacêuticos vegetais.

Donabela, pequena e seca, salientava sua corcunda debruçada sobre tecidos, retalhando com sua enorme tesoura partes que se amoldavam umas às outras como quebra-cabeças, costurando mortalhas. Sua única ocupação era fazer mortalhas. Perfeitas no arremate, justas no corte, adequadas no tamanho. Conhecia tão bem os seus mortos que nunca lhes tirava qualquer medida. E era tal sua rapidez de manufatura que alguns desconfiavam que já as preparava com antecipação, sempre buscando a perfeição de sua arte final.

Do casarão mais acima dominavam a paisagem e as pessoas no casario mais abaixo, com a indiferença propiciada pelo poder jamais contestado.

A paisagem azulada era circunscrita por cadeias de serras formando bordas de uma cratera grandiosa. De longe, recortavam-se contra o azul como sarcófagos gigantes, barcos virados de borco navegando o ar; caprichoso dentilhado simulando ameias de cíclopes.

De tão simples afazeres retiravam elas todo o respeito, temor e poder? Ou da idade nunca conhecida? Ninguém lembrava de tê-las visto mais moças, ou diferentes do que eram hoje.

Um dia essa faculdade que os homens têm, compartilhada com os cachorros vadios, de em tudo meter a mão, e que alguns chamam a marcha da história, outros o progresso inevitável, descobriu o feudo das irmãs. Rompeu-se o dique de serras. Um cilindro de poeira cor de bronze empurrava um caminhão cheio de homens. Daquela terra onde a vegetação nunca dá sombra começam a brotar caules de concreto espichando cipós de alumínio.

O tempo passa a ser domado pela folhinha. A energia elétrica altera a duração dos dias e das noites, o telefone baldeia a noção de distância e presença, o dinheiro esmaece a importância das coisas.

O poder cadastrou os eleitores e as igrejas cercaram as almas. A livre iniciativa instalou a liberdade. E viram todos que rapidamente andava a construção da igreja, com o quadrado dedo de Deus apontando para o alto; um mercado público de pronto começa a se erguer e também a escola, a casa de partos.

As três irmãs receberiam o merecido reconhecimento do poder público congelado em três diplomas de honra ao mérito. Nova professora, parteiras, médico, lojas — o progresso se instalaria ali — dispensariam a ajuda voluntária, o sacrifício de cada uma delas.

As irmãs recusaram, silenciosas, as honras e o convite para a festa de inauguração. Clotilde lavou as mãos e puxou um fio que ia desfazendo toda a trama do seu antigo bordado. Aurora cruzou os braços sobre os peitos murchos, enquanto as garatujas da lousa se desprendiam e formavam um montinho de pó que o vento espalhava. Donabela atirou sua grande tesoura no fundo do poço.

As três riram levemente, olhando-se entre si, enquanto relâmpagos desenhavam rápidas rachaduras no céu estrelado. Trovões transformavam em ruínas as geométricas florações de argila, ainda inacabadas, e estremeciam o frágil palanque da festa. E anteciparam-se todas as regras, pariram todas as mulheres. De cada casa escorria um filete de sangue escuro sob a porta. Os gritos, ritmados pelas contrações, faziam contraponto com a banda de música e impediam os discursos no palanque. Um vento forte e zumbidor abateu o primogênito de cada casa guiado pelo sinal vermelho delator. Os que sobraram perderam a memória e abobalharam por completo.

Até hoje, alguns lembram com medo e estupor aquela agonia da natureza, a grande revolta dos elementos. No vilarejo sobraram os animais, as casas derruídas e os antigos moradores. Sem memória e fala, disputando os frutos silvestres com passarinhos, ruminando, talvez, a solidão e o silêncio, e olhar perdido num ponto invisível, vagueiam.

As três irmãs nunca mais foram vistas. O casarão ainda resiste de pé. Ninguém jamais perscrutou seus imensos corredores. Algumas reses pastam no pátio. Cabras ruminam na varanda. Vez ou outra, morcegos revoam em pleno dia, assustados por algo que ninguém vê. Hoje já ninguém lembra aquelas criaturas tão estranhas.

Estradas

Quando resolvo visitar Pompeu, sempre o encontro sozinho, sentado na velha rede atravessada na sala escura de sua casa de cumeeira já podre. Pompeu olha o que restou daquilo que a estrada lhe deu: uma trempe no canto da cozinha, duas canecas de flandres, dois pratos, duas colheres, uma panela enegrecida.

— Maria, um cafezinho!

O café demora sempre porque Maria morreu há muito tempo e não há café em casa.

Pompeu fez estradas a vida toda. E foi um dos poucos que a estrada não engoliu, pois a estrada é ciumenta. Dela ninguém tira mais que o necessário para começar em outro trecho. Exige fidelidade absoluta e